

BRÜDERKRIEG: GUERRA CIVIL E O INÍCIO DO FIM DA UNIDADE DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO¹

Vinicius Cesar Dreger de Araujo²

(UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros)

Resumo: Na documentação oriunda do século IX, a batalha de Fontenoy (841) e seu contexto mais amplo, a guerra civil que envolveu Lothar I, Luís o Germânico e Carlos o Calvo, a assim chamada *Brüderkrieg* ou Guerra entre irmãos, são vistas como marcos da dissolução do Império Carolíngio. Nosso artigo tem como objetivo reexaminar as evidências textuais (como os *Anais de St. Bertin*, os *Anais de Fulda*, as *Histórias* de Nithard e *Versus de bella quae fuit acta Fontaneto* de Angelbert) e iconográficas (como as contidas no *Codex Perizoni* F 17 e no *Codex Sangalensis* 22) à luz de análises ligadas a temas como os padrões da Cultura Política desenvolvida no Império Carolíngio, especificamente no que diz respeito à continuidade da Ideologia imperial e dos destinos da Aristocracia Imperial criada por Carlos Magno e estilhaçada durante as guerras civis, que nos permitiu alcançar conclusões muito divergentes das já consolidadas acerca do dito declínio do Império Carolíngio.

Palavras-chave: Império Carolíngio, Brüderkrieg, Cultura Política Medieval.

BRÜDERKRIEG: CIVIL WAR AND THE BEGINNING OF THE END TO THE UNITY OF THE CAROLINGIAN EMPIRE

Abstract: In the documental sources from the 9th Century, the battle of Fontenoy (841) and its amplified contexto, the civil war between Lothar I, Louis the German and Charles the Bald, the so-called *Brüderkrieg* or War between Brothers, are considered as milestones of the dissolution of the Carolingian Empire. Our article main objective is to re-examine the textual evidences (as such the *Annals of St. Bertin*, the *Annals of Fulda*, Nithard's *Histories* and Angelbert's *Versus de bella quae fuit acta Fontaneto*) and iconographical ones (such as the *Codex Perizoni* F 17 and *Codex Sangalensis* 22) in the light of analysis related to issues such as the standards of the Political Culture developed in the Carolingian Empire, specifically with regard to the continuity of imperial ideology and the fate of the Imperial Aristocracy created by Charlemagne and shattered during the civil wars, which allowed us to reach conclusions very divergent from thath ones already consolidated about the so-called decline of the Carolingian Empire.

Keywords: Carolingian Empire, Brüderkrieg, Medieval Political Culture.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada na IV Jornada "Pensando a Guerra e a História", realizada pelo Grupo de Estudos de Historia Militar (GEHM) da Universidade Federal Fluminense (UFF) no dia 12 de novembro de 2014.

² Professor adjunto de História Medieval na UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros, email: viniciusdreger@hotmail.com

A *Brüderkrieg* ou a Guerra Fraternal, foi o conflito civil que, entre 838 e 843, opôs os descendentes diretos de Carlos Magno, uns contra os outros, num processo que acabou por contribuir com o esfacelamento da unidade territorial do Império, embora isso só tenha ficado claro em fins do século IX.

Este conflito apresenta algumas características que o tornaram atípico em relação às campanhas militares de grande parte do medievo: se trata de uma guerra de movimento, com ausência de assédios a fortificações e com objetivos políticos muito bem definidos. Contudo, estas características derivam de outros condicionantes sociopolíticos que afetaram diretamente o andamento das operações militares.

Nosso artigo tem como objetivos o reexame das principais fontes acerca do conflito, tanto textuais quanto iconográficas, para então reavaliarmos seus desdobramentos militares (em especial as batalhas de Ries e Fontenoy) e suas consequências políticas, particularmente em quais sentidos a *Brüderkrieg* de fato constituiu-se como marco do declínio do Império Carolíngio.

Para tanto, analisaremos criticamente as fontes em questão inspirados em questionamentos advindos da Análise Crítica do Discurso e do estudo da Cultura Política para realizarmos nossa revisão deste processo histórico.

1. Documentação:

A *Brüderkrieg* e, especialmente sua culminação, a batalha de Fontenoy (25/06/841), foram eventos profundamente traumáticos, percebidos como uma sangrenta ruptura da organização política Franca que havia perdurado por mais de um século, sendo este um dos prováveis fatores que levaram aos múltiplos registros para estes eventos. Outro fator que pode ser contabilizado está na questão de que se trata de novos monarcas e estes tinham a necessidade de obter registros históricos laudatórios e legitimadores para suas autoridades ainda frágeis.

A união de ambos os fatores teve como resultado uma plethora de fontes documentais textuais e mesmo um possível registro iconográfico inspirado nos desdobramentos da *Brüderkrieg*, como analisaremos a seguir.

1.1 Documentação Textual:

Os principais registros textuais do período em questão são: os *Anais de Saint-Bertin*, os *Anais de Fulda*, as *Histórias* (ou *De dissensionibus filiorum Ludovici pii*) de

Nithard e os *Versus de bella quae fuit acta Fontaneto*, de Angelbert. É interessante notarmos que os *Anais de Saint-Bertin*³ e as *Histórias* de Nithard⁴ foram produzidos nas terras da França sob Carlos o Calvo; os *Anais de Fulda*⁵ na Germânia de Luís e os versos de Angelbert sob Lothar, ou seja, cada uma delas cumpre seu papel propagandístico ao louvar seus patronos. Cabe notarmos também o considerável valor de registros posteriores, como os *Anais de Xanten*⁶ e o *Liber Pontificalis*⁷.

Os textos de Nithard e Angelbert são testemunhos oculares, já que ambos participaram das campanhas de seus líderes e da batalha de Fontenoy. Por sua vez, os anais são textos elaborados por clérigos, em muitos casos mais inspirados por relatos militares da Antiguidade Clássica do que por reais experiências bélicas.

Contudo, o relato de Nithard, embora repleto de informações acerca das negociações que antecederam à batalha, é extremamente conciso a respeito da mesma, resumindo-se a um único parágrafo. Já o relato poético de Angelbert, embora mais extenso que o de Nithard (em relação à batalha), se apresenta como um lamento e mesmo um exercício de forma e estilo, já que as iniciais de cada estrofe possuem uma organização alfabética, de A a P (possivelmente como meio de facilitar a memorização para recitação pública); assim como as quinze estrofes são formadas por três linhas de quinze sílabas poéticas em cadência trocaica.

³ “Se trata da continuação dos *Annales regni Francorum* para a *Francia Occidentalis* cobrindo os anos 830-882. Foi escrita em três estágios distintos: uma cópia levemente expandida dos anais régios de 741 a 830 e uma continuação até 834, provavelmente encomendadas pelo arcebispo Fulco, abade de St. Hilaire de Poitiers; o ibérico Prudentius, bispo de Troyes e capelão de Luís o Pio, compôs o relato para 835-61 e Hincmar de Reims escreveu um relato pessoal e polêmico para os anos 862-82” in: DUNPHY, Graeme (org.). **The Encyclopedia of the Medieval Chronicle**, volume 1, Leiden: Brill, 2010, p. 56.

⁴ “A pedido de Carlos, Nithard compôs em Latim o *De Dissensionibus filiorum Ludovici Pii usque ad annum DCCCXLIII seu Historiarum libri quattuor* (Sobre as dissensões entre os filhos de Luís o Pio até 843 ou Quatro livros de Histórias). Em alguns momentos, sua obra está muito longe de ser imparcial, mas como parente (primo em primeiro grau) e conselheiro próximo a Carlos o Calvo, ele teve conhecimento íntimo dos eventos que relata. Embora ocasionalmente partidário e intermitentemente inacurado nos detalhes, sua crônica é a fonte mais importante e valiosa para o período do colapso do Império Carolíngio” in: DUNPHY, Graeme (org.). **The Encyclopedia of the Medieval Chronicle**, volume 2, Leiden: Brill, 2010, p. 1152-53.

⁵ “Se trata dos anais régios da monarquia franca oriental, cobrindo (entre suas diversas rescensões) os anos entre 714 e 901. Sua seção inicial é composta por uma série de notações anuais curtas, baseadas em fontes conhecidas. Contudo, a partir de 830 o relato se torna independente e os registros se tornaram mais plenos e curiosos. O foco principal se concentra nos assuntos régios da França Oriental e demonstra fortes simpatias aos reis” in: DUNPHY, Graeme (org.). **The Encyclopedia of the Medieval Chronicle**, volume 1, Leiden: Brill, 2010, p. 65.

⁶ Relatos os principais eventos no Império Carolíngio entre 790 e 873, sendo que a partir de 811 passam a se concentrar nos acontecimentos do Reino Franco Oriental.

⁷ Especificamente as rescensões que alcançam os papas do século IX, derivadas do manuscrito Vat. Lat. 3764, do século XI, único a atingir o ano 891.

Não podemos esquecer que o principal objetivo destes relatos históricos era moral e não empírico, além de ser, em grande parte, uma história formulaica ligada a estruturas narrativas anteriores, fatos que em muito contribuem para a dificuldade dos historiadores modernos em analisar os movimentos bélicos altomedievais. O aspecto moral da História no período não se afasta da própria concepção ritualizada das batalhas, vistas como ordálios, nas quais os participantes deixam suas reivindicações à mercê do julgamento divino.

1.2 Documentação Iconográfica⁸:

Por outro lado, o testemunho iconográfico presente em alguns dos principais manuscritos dos séculos IX e X, nos trazem informações importantes para a compreensão das ações militares durante o período carolíngio. Dentre as fontes disponíveis para a segunda metade do século IX, destacam-se o *Saltério Dourado* e o *Livro dos Macabeus*, ambos produzidos na abadia de Saint Gall, e considerados como contendo representações plausíveis de ações e equipamentos militares de seu período⁹.

O *Saltério Dourado*, produzido entre 883 e 900¹⁰, é uma obra no mínimo curiosa, já que, tradicionalmente, a poesia dos Salmos era ilustrada com imagens devocionais inspiradas pelas palavras de suas canções. Neste manuscrito elas deram lugar a cenas que representavam a vida de David a quem se atribui a autoria dos Salmos (exigindo de seus expectadores um exercício de “leitura cultural”, como postulado por William Diebold¹¹). Os feitos militares de Joab, sobrinho de David e comandante de suas tropas¹², receberam ênfase especial no *Saltério Dourado*, com um belíssimo díptico de suas batalhas nos fólhos 140v e 141r, como pode ser visto abaixo.

⁸ A documentação iconográfica, por sua natureza muitas vezes menos direta em termos de informação cronológica do que a documentação textual merecerá por isso uma análise mais detalhada para sua contextualização e emprego.

⁹ Simon Coupland demonstrou em seu artigo “Carolingian Arms and Armor in the Ninth Century” (**Viator: Medieval and Renaissance Studies**, v.21, 1990, pp. 29-50), que as representações presentes nestes manuscritos e no *Saltério de Stuttgart* (datado dos anos 820-830), combinam com elementos encontrados em descrições textuais e vestígios materiais, validando-as como referências visuais confiáveis para os equipamentos bélicos do período.

¹⁰ St. Gallen Stiftsbibliothek, Codex Sangallensis 22. As informações codicológicas, incluindo a datação do manuscrito, podem ser encontradas em EUW, Anton von. **Die St. Galler Buchkunst vom 8. bis zum Ende des 11. Jahrhunderts**, Volume I: Textband, St. Gallen, 2008, pp. 400-408.

¹¹ DIEBOLD, William J. “Verbal, visual and cultural literacy in medieval art: word and image in the Psalter of Charles the Bald”, **Word & Image**, volume 8, n. 02, Abril-Junho, 1992, pp. 89-99.

¹² 2Sm 8:16; 20:23, entre outras passagens.



Figura 1: Joab e seu exército e os assédios de fortificações militares presentes nos fólhos 140v e 141r do *Saltério Dourado* de St. Gallen. Representações inspiradas em elementos militares romano-orientais tardo-antigos, assim como em ações e equipamentos tardo-carolíngios, contemporâneos do iluminador¹³.

Acerca do *Saltério Dourado* e do *Saltério de Stuttgart* (décadas de 820 e 830) e outros manuscritos ilustrados do século IX, Simon Coupland concluiu acerca do valor de suas representações de equipamentos militares:

(...) esculturas em marfim e iluminuras de manuscritos carolíngios são guias mais confiáveis acerca dos armamentos contemporâneos do que até então se acreditava. Foi demonstrado que mesmo que certas características possam ter sido influenciadas por tradições imagéticas tardo-romanas ou bizantinas, as ilustrações francas do século IX representam formas correntes de elmos, escudos, espadas, bainhas e cinturões e lanças. É assim provável que os artistas Carolíngios também tenham reproduzido outros itens contemporâneos em suas obras, e onde tais similaridades com modelos imagéticos romanos são aparentes, isso possa meramente refletir a continuidade entre os mundos antigo e medieval¹⁴.

Se pudermos considerar como corretas as conclusões de Coupland acerca da verossimilhança das representações presentes no *Saltério Dourado*, é possível

¹³ Fonte: <http://www.e-codices.unifr.ch/de/csg/0022/140/0/Sequence-239> e <http://www.e-codices.unifr.ch/de/csg/0022/141/0/Sequence-239>, consultados a 20/05/2016.

¹⁴ COUPLAND, *op. cit.* p. 50.

concluímos que as tropas de Lothar, Luís e Carlos estivessem equipadas de modo muito semelhante aos guerreiros de Joab no correr da *Brüderkrieg*. No entanto, é em outro manuscrito oriundo do *scriptorium* de St. Gallen que podemos encontrar imagens que possivelmente nos aproximam mais da *Brüderkrieg*, o *Livro dos Macabeus* de Leiden¹⁵.

Este manuscrito possui 211 fólios medindo 22,5 cm por 18,5 cm. Nele estão copiados o primeiro Livro dos Macabeus (fólios 5r-65v), precedido por um sumário dos capítulos (fólios 1-3), inspirado nos *Commentaria in Libris Maccabeorum*, de Rábano Mauro¹⁶ (837). Em sucessão se encontra uma cópia do Livro IV da *Epitoma rei militaris* (fólios 66-149) de Vegécio, só que por meio da versão “atualizada” do mesmo, composta por Rábano Mauro para o jovem Lothar II, por volta de 850.

Ademais, existe um segundo códice apensado ao manuscrito no século XV contendo um glossário da *Epitoma rei militaris* e excertos da *Stratagemata* de Frontino (fólios 150r-211r), transformando assim o *Codex Perizoni* F 17 em um verdadeiro manual militar.

Especificamente no conteúdo devotado ao Livro dos Macabeus (pouco mais de novecentos versos distribuídos nos sessenta fólios), existem as únicas iluminuras do volume: nada menos do que trinta miniaturas de página plena, sendo que dez delas oferecem evocações vívidas e dramáticas dos combates entre os hebreus e os selêucidas.

Em relação às mesmas, pesa considerável desacordo relativo à datação delas e do manuscrito. Adolf Merton¹⁷ postula que ele foi produzido por volta da visita de Otto I, Otto II e sua esposa Teófano a Reichenau em 972. A motivação teria sido a criação de um monumento documental à vitória de Otto I sobre os Magiares em Lechfeld (955).

Tal explicação foi definitivamente descartada pelos estudos codicológicos de Hartmut Hoffmann¹⁸, que apontam para a finalização do manuscrito entre fins do século IX e inícios do século X, com modificações ainda durante a primeira metade do século X. A partir destes dados, Susanne Wittekind¹⁹ teorizou que a ordem de produção do manuscrito não é a mesma da encadernação: a cópia do livro IV da *Epitoma rei militaris*

¹⁵ Universitätsbibliothek Leiden, *Codex Perizoni* F 17

¹⁶ MIGNE, J.P. *Patrologia Latina*, 109, col. 1122-1256.

¹⁷ MERTON, Adolf. *Die Buchmalerei des IX. Jahrhunderts in St. Gallen unter besonderer Berücksichtigung der Initial-Ornamentik*, Halle, 1911.

¹⁸ HOFFMANN, Hartmut. *Buchkunst und Königtum im Ottonischen-frühsalsichen Reich*, Stuttgart, 1986, p. 97.

¹⁹ WITTEKIND, Susanne. “Die Makkabäer als Vorbild des geistlichen Kampfes: Eine kunsthistorische Deutung des Leidener Makkabäer-Codex Perizoni 17”, *Frühmittelalterliche Studien*, vol. 37, (2003), pp. 47-71.

teria sido encomendada pelo bispo de Constança, Salomão III (890-920) que havia sido notário e chanceler na corte de Carlos III, o Gordo (876-887) e depois capelão de Arnulfo de Caríntia (887-899); depois dividiu com Hatto, arcebispo de Mainz e abade de Reichenau, a chancelaria do reinado de Luís o Infante (899-911).

Este personagem, extremamente bem localizado no centro das principais relações políticas do Reino Franco Oriental entre fins do século IX e inícios do século X, teria encomendado o texto para a educação e aconselhamento do jovem rei Luís, espelhando o que Rábano Mauro havia feito para Lothar II e Freulf para o jovem Carlos o Calvo. A escolha dos textos e dos desenhos no manuscrito corresponderia a uma espécie de tradição de aconselhamento militar aos jovens reis carolíngios por parte de seus bispos. No entanto, o manuscrito não teria sido finalizado devido à morte de Luís.

Anton von Euw²⁰, contextualizou novamente a elaboração da obra da seguinte forma: o manuscrito e as ilustrações monocromáticas teriam sido produzidas antes de 926, ano em que, devido a incursões magiares que objetivavam saquear a abadia, muitos de seus manuscritos foram transferidos para a abadia de Reichenau, cuja localização numa ilha do lago Constança seria um impedimento ainda mais eficiente aos incursores magiares do que as muralhas de St. Gallen. Em Reichenau, os monges de seu *scriptorium* teriam acrescentado cores vibrantes a detalhes dos desenhos monocromáticos: ouro, vermelho, laranja, verde e azul, principalmente nos escudos e prata nos elmos e cotas de malha dos guerreiros. Tal ação aproximou estas imagens da paleta de cores tradicionalmente associadas aos manuscritos produzidos nesta abadia.

Von Euw e Theodore Rabb²¹ associaram as representações imagéticas do manuscrito às ações militares dos Magiares, conforme testemunhadas pelos monges de St. Gall, diretamente ameaçados pelos guerreiros das estepes entre 924 e 933.

Embora modelar as imagens de combate do manuscrito segundo os combates com os magiares seja uma proposta interessante, torna-se necessário levantar alguns pontos de reflexão:

- Os magiares, assim como os hunos haviam feito anteriormente e os mongóis fariam séculos depois, eram mestres do emprego de arqueiros montados, sendo esta sua principal forma de combate. Curiosamente, não aparecem arqueiros montados nas iluminuras do *Codex Perizoni* F 17; aliás, só na miniatura do fólio

²⁰ EUW, Anton von. **Die St. Galler Buchkunst vom 8. bis zum Ende des 11. Jahrhunderts**, Volume I: Textband, St. Gallen, 2008, pp. 400-408.

²¹ RABB, Theodore K. **The Artist and the Warrior: Military history through the eyes of the masters**, New Haven: Yale University Press, 2011, pp. 37-41.

9r houve a representação de arqueiros a pé (porém, como pôde ser visto na figura 1, existe a presença deste tipo de guerreiro no díptico de Joab no *Saltério Dourado*).

- Não leva em consideração o tipo de análise metodológica levada a cabo por Coupland, que caracteriza os exércitos ali representados como tardo-carolíngios (particularmente ligados ao Reino Franco Oriental como se pode depreender do pesado uso das obras de Rábano Mauro no contexto do manuscrito).
- No manuscrito, com exceção da iluminura do fólio 9r, não são apresentados assédios com infantaria, tão comuns às práticas militares dos Carolíngios, Otônidas e mesmo dos próprios Magiares que, como registrado por Liutprand de Cremona²², durante o assédio de Pávia de 924, dominavam plenamente as táticas deste tipo de combate. Por outro lado, como veremos, uma das características da *Brüderkrieg* foi o movimento e a ausência de assédios a cidades ou fortificações: ambos os lados recorreram a céleres avanços de cavaleiros sobre os pontos fortificados e conduzindo negociações que tinham por fim a transferência de lealdade dos mesmos.

Assim, é possível conjecturarmos que se trate de representações mais próximas de dois exércitos tardo-carolíngios em choque e contextualmente tal assunção nos remete aos conflitos civis carolíngios, dos quais o mais impactante foi, indubitavelmente, a *Brüderkrieg*.

Finalmente, a reavaliação do *Codex Perizoni* F 17 levada a cabo por Melanie Holcomb²³, postula a conexão do manuscrito com a segunda metade do século IX e com o pano de fundo sociocultural de reverência generalizada pela proeza militar e do papel central da guerra na cultura carolíngia, particularmente no Reino Franco Oriental, como bem demonstrado por Eric J. Goldberg²⁴, permitindo-nos empregar suas iluminuras como documentação iconográfica para nossa análise.

²² SQUATRITI, Paolo (trad.). **The Complete Works of Liudprand of Cremona**, Washington DC: Catholic University of America Press, 2007, pp. 111.

²³ HOLCOMB, Melanie. **Pen and Parchment – Drawing in the Middle Ages**, New York/New Haven: Metropolitan Museum of Art/Yale University Press, 2009, pp. 46-48.

²⁴ GOLDBERG, Eric J. **Struggle for Empire: Kingship and Conflict under Louis the German, 817-876**, Ithaca: Cornell University Press, 2006, pp. 38-42.

2. O problema sucessório:

A *Brüderkrieg* possui uma causa imediata consideravelmente banal, típica de grande parte dos reinos que ocuparam o espaço do antigo Império Romano Ocidental: a organização de suas sucessões. A dinastia Carolíngia havia sido afortunada já que havia sido fértil o suficiente para garantir a passagem de poder para a geração seguinte, mas, ao mesmo tempo, podada o bastante com mortes convenientes que garantiram a ausência de conflitos civis suficientemente sérios, desde os travados por Carlos Martel entre 715 e 718.

A divisão das prefeituras de palácio entre Carlomano e Pepino o Breve foi resolvida sem lutas pela renúncia do primeiro em 747. As disputas crescentes pelo trono franco entre Carlomano I e Carlos Magno foram solucionadas com a conveniente morte do primeiro em 771. A sucessão de Carlos Magno foi suavizada com os falecimentos de seus filhos Pepino o Corcunda (exilado na Abadia de Prüm em 792, falecido em 811), Carlomano (rebatizado como Pepino, Rei dos Lombardos, falecido em 810) e Carlos o Jovem (Rei dos Francos, falecido em 811), só restando como herdeiro Luís o Pio, rei da Aquitânia.

Contudo, ao assumir o trono imperial em 814, Luís já era um homem maduro, tendo nascido em 778, e já contava com considerável descendência em idade apropriada para assumir o poder. Em 817 ele emitiu sua primeira *Ordinatio imperii*, na qual declarou como seu herdeiro imperial e receptor da maior parte do território o seu primogênito, Lothar (795-855); dedicou a Aquitânia e regiões adjacentes como sub-reino a Pepino (797-838) e a Bavária e marcas adjacentes a seu, até então, caçula, Luís (810-876). Além do mais, garantiu a seu sobrinho, Bernardo, o reino da Lombardia legado por Carlos Magno ao falecido Pepino (ex-Carlomano, como mencionado acima).

Esta ordenação mantinha a unidade territorial imperial, mas subordinava os três jovens monarcas a Lothar, foi rapidamente contestada por Bernardo, que se cria monarca por direito de herança de seu pai e avô, sem a interferência de seu tio. Luís, não tão Piedoso, aprisionou e condenou à morte o sobrinho. Pena comutada por cegamento... Ao qual Bernardo não sobreviveu, falecendo dois dias depois.

A estabilidade do império permaneceu intacta até 829, quando Luís concedeu a seu novo caçula, Carlos (nascido em 823 e afilhado de Lothar que posteriormente seria conhecido pelo epíteto de “o Calvo”), o sub-reino da Alamânia, causando assim a ira de Lothar, que sentiu sua autoridade como co-imperador diminuída. Luís foi confrontado e

aprisionado por Pepino da Aquitânia e Luís o Jovem (já cognominado “o Germânico”). Enquanto Lothar marchava com um exército de Lombardos, seus irmãos mudaram de lado e a aristocracia imperial obrigou os três a entrarem em acordo com seu pai, na assembleia de Nijmegen em 831. Esta primeira revolta se deu praticamente apenas com escaramuças, sem combates ou cercos de monta.

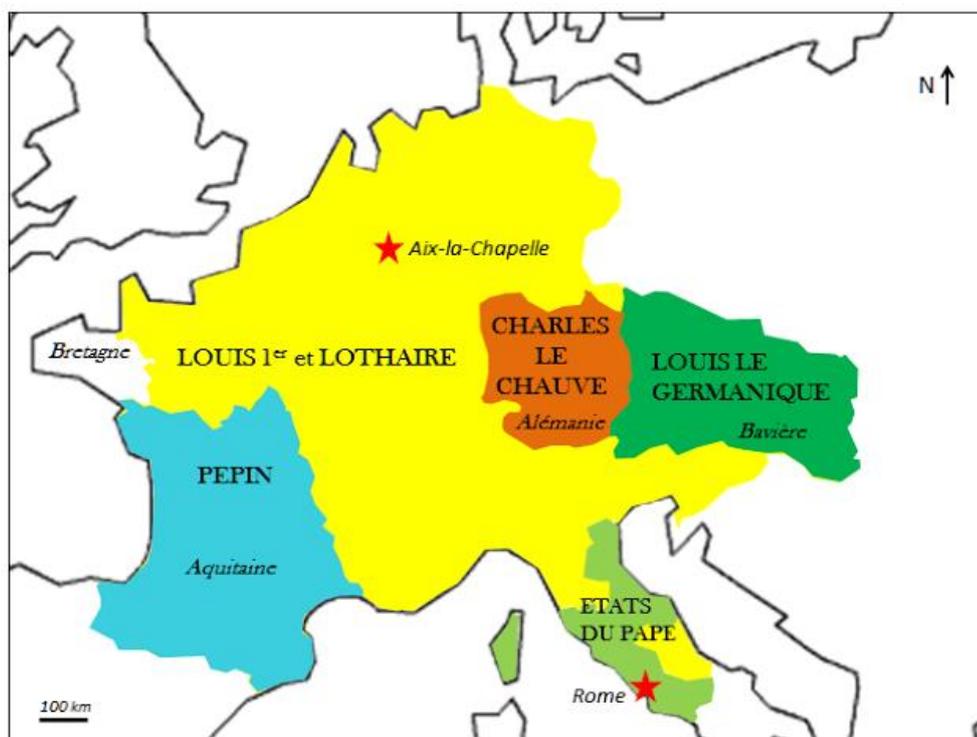


Figura 2: Mapa representativo da *Ordinatio imperii* de 829²⁵

Já em 833 houve uma nova rebelião, inicialmente capitaneada por Pepino da Aquitânia. Enquanto o imperador reunia tropas para combatê-lo, Luís o Germânico ocupou a Alamânia de seu irmão Carlos; pela primeira vez o Luís mais jovem demonstrava seu desejo de governar por inteiro as terras além do Reno. Enquanto o velho monarca sufocava a rebelião na Aquitânia, concedeu-a a Carlos, deserdando Pepino. Então Lothar avançou contra o pai, já interessado em depô-lo.

No dia da festa de São João Batista (24 de Junho) de 833, o imperador Luís preparou-se para combater uma poderosa aliança: à distância concentravam-se as tropas da coalizão liderada por seus três filhos mais velhos, pelo Papa Gregório IV e parte considerável do clero franco. Consternados pela, alegadamente, crônica negligência (em

²⁵Fonte: <http://wwhistoblog.blogspot.com.br/2015/10/le-partage-de-lempire-carolingien-de.html>, acessado em: 22/05/2016.

relação aos interesses da aristocracia imperial) e crescente má conduta de Luís (segundo seus filhos), Lothar, Pepino e o jovem Luís, por anos buscaram preservar por meios razoavelmente pacíficos a integridade do grande império europeu ocidental construído por seu avô, Carlos Magno. No entanto, suas tentativas para uma acomodação com Luís falharam e a escalada na situação foi inevitável.

Assim, as duas facções se encontravam posicionadas para o combate em uma planície ferrosa avermelhada, apropriadamente denominada como *Rotfeld*. Parecia que a disputa familiar seria resolvida por nada menos que uma guerra civil. Infelizmente para o imperador Luís, este impasse não foi resolvido, nem por batalha, nem por diplomacia. Como bem estabelece Courtney Booker²⁶ (2009: 15-16):

Uma noite, durante as negociações que se estenderam por uma semana na planície alsaciana, a maioria dos *fideles* juramentados do imperador, furtivamente abandonou seu acampamento, alguns retornando às suas terras, outros desertando para o acampamento dos rebeldes. A mais recente tentativa de Luís para a reconfiguração da futura paisagem política do império – a criação de um reino para Carlos, às expensas de seus meio-irmãos mais velhos – falhou. Sem qualquer apoio, Luís despachou aos rebeldes as suas únicas condições para a rendição: que sua jovem esposa, Judith e seu filho de dez anos, Carlos, permanecessem ilesos. Seus captores rapidamente concordaram, enviando a imperatriz para Tortona, na Lombardia e confinando o jovem Carlos no mosteiro de Prüm, próximo a Trier.

Tal feito vergonhoso se entranhou na memória coletiva da região a ponto de *Rotfeld*, o campo vermelho, se tornar conhecido como *Lügenfeld*, o campo das mentiras²⁷.

Contudo, Luís o Germânico, então casado com Emma, irmã da imperatriz Judith (o que o tornava concunhado de seu pai e tio de seu meio-irmão caçula...), mudou novamente de lado, passando a apoiar a causa paterna. Luís o Pio foi restaurado no trono imperial no início de 834, depondo todos os bispos que haviam apoiado Lothar e reduzindo os domínios deste apenas à Itália, ampliando os de Carlos e do jovem Luís às suas expensas. O monarca também restaurou a autoridade de Pepino sobre a Aquitânia.

²⁶ BOOKER, Courtney M. **Past Convictions – The Penance of Louis the Pious and the Decline of the Carolingians**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009, pp. 15-16.

²⁷ *Campus Mendacii, ubi plurimorum fidelitas exstincta est*, como dito na *Vita Hludowici*, cap. 42.

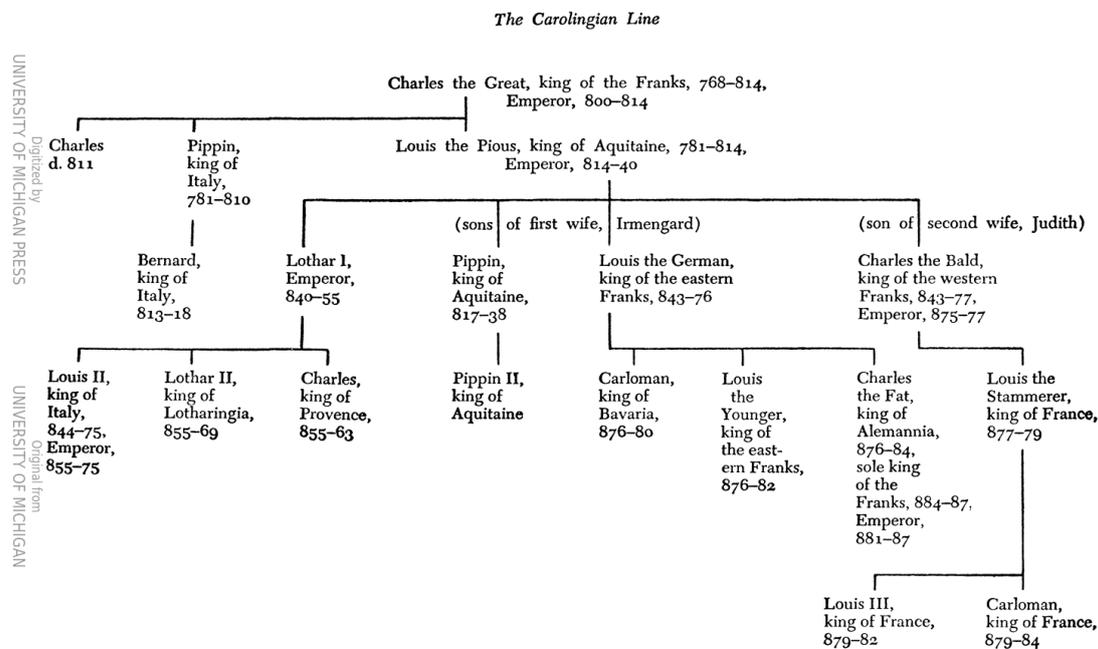


Figura 3: Quadro genealógico simplificado da Dinastia Carolíngia até fins do século IX²⁸

Esta nova divisão subsistiu apenas até 837, quando o velho imperador novamente concedeu a Alamânia (na prática governada por Luís o Germânico) e a Borgonha a Carlos; o Germânico imediatamente se revoltou. Como o monarca também concedeu a Carlos a coroa da Aquitânia em 838 após a morte de Pepino, o filho deste, Pepino II também se revoltou contra o avô. Como se tal quadro não bastasse, em 839, além das revoltas de Luís e Pepino II, houve uma grande incursão escandinava na Frísia. Tais condições levaram à reconciliação entre Luís o Piedoso e Lothar: Pepino II foi deserdado e Luís o Germânico manteria apenas a Bavária. Lothar escolheu a metade oriental do império, incluindo a Itália, deixando a *Francia occidentalis* (grosso modo Nêustria, Aquitânia e Borgonha) para Carlos.

Naquela que veio a ser sua última campanha, o idoso monarca subjugou a Aquitânia e rapidamente dirigiu seu exército para a Bavária, ocupando-a e forçando Luís

²⁸ DUCKETT, Eleanor Shipley. *Carolingian Portraits: A study in the ninth century*, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988, p.285.

o Germânico a buscar refúgio entre seus inimigos eslavos, restaurando assim a ordem no Império. Contudo, veio a falecer no palácio de Ingelheim a 23 de junho de 840. Lothar se aproveitou da situação para reivindicar a totalidade do Império para si, ignorando os direitos pré-estabelecidos de seus irmãos, gerando assim a *Brüderkrieg*.

Mas, devemos ressaltar que havia outros interesses em jogo, com forte influência sobre o andamento do minuetto dos diversos projetos de divisão imperial: os da aristocracia e episcopado imperiais.

3. A aristocracia imperial trans-regional: *Reichsaristokratie*.

Carlos Magno, para tornar este império composto por unidades tão díspares em uma entidade razoavelmente coesa, optou por elevar os principais elementos das aristocracias regionais a um patamar trans-regional ao conceder-lhes terras e *honores* (funções públicas, como administração condal, atuações como *missus* e mesmo nomeações como abades leigos) nos vários *regna* sob sua autoridade: assim, um aristocrata nêustrio poderia ter terras na Aquitânia, na Austrásia, na Saxônia e mesmo na Bavária, criando desta maneira um estrato aristocrático tão interessado na manutenção da unidade imperial quanto ele próprio.

O que o imperador não havia considerado é que as partilhas territoriais dinásticas subsequentes entravam em choque direto com os interesses dessa aristocracia, tanto laica quanto eclesiástica, já que, pelo costume dos Francos, os magnatas territoriais deviam optar por apenas um senhor e assim renunciando a parte de seu patrimônio.

Para os principais magnatas interessava a manutenção de uma autoridade central efetiva sobre o grosso do Império, o que lhes proporcionaria a continuidade sobre suas posses. Mas aos aristocratas locais, ou regionais, interessava a divisão da autoridade, já que, devido à necessidade de opção pelos aristocratas trans-regionais, suas terras reverteriam aos reis, podendo ser doadas aos novos fieis. Essas tensões centrípetas e centrífugas na aristocracia do Império Franco abasteceram as rivalidades entre os irmãos, estendendo-as e permitindo-lhes continuar a amealhar recursos militares mesmo quando suas causas pareciam estar perdidas.

Contudo, é interessante notarmos que os pesados investimentos dos Carolíngios em ideologia régia parecem ter sido bem-sucedidos em demonstrar que sua linhagem era a única merecedora do trono, já que em todo o contexto da guerra civil e das tensões precedentes, não houve tentativas dos membros destas aristocracias romper as tradições

e tomar coroas para si mesmos. Tal fato só se tornou possível com a deposição de Carlos o Gordo em 888 e, ainda assim, os reinos não carolíngios surgidos na Provença, Borgonha e Itália buscavam a legitimação por meio de uniões matrimoniais com princesas carolíngias.

Porém, este sucesso ideológico não poupava os Carolíngios de uma existência peripatética, cruzando seus domínios para tornarem-se acessíveis, em termos de relações de poder via patronato, ao conjunto das aristocracias regionais. O sucesso dessa mobilidade variou significativamente de monarca para monarca e isso pode estar relacionado a diferenças efetivas de poder, mas, como apontam Stuart Airlie²⁹, Jane Martindale³⁰, Timothy Reuter³¹ e Guy Halsall, os relacionamentos entre os reis e os magnatas necessariamente envolviam consideráveis negociações, muito mais do que em estruturas políticas anteriores. Este consenso, tão bem demonstrado em estudos recentes acerca da cultura política carolíngia, nos indicam que esta e seus rituais teriam sido, possivelmente, produto de contínuos conflitos entre os monarcas e (ao menos parte de) seus magnatas no século IX³².

4. A Guerra em si

Como notado inicialmente, se trata de uma guerra de movimento, com ausência de assédios a fortificações e com objetivos políticos muito bem definidos, ao menos teoricamente. Lothar, apoiado pela aristocracia trans-regional, buscava obter a supremacia sobre seus irmãos, negando-lhes, até mesmo, o status prévio de sub-reis da Bavária e Aquitânia, em um claro projeto de unipolaridade de poder no Império. Luís o Germânico contava com o apoio constante de seus fieis bávaros e o relutante das aristocracias locais da Turíngia, Saxônia, Alamânia e Francônia, que essencialmente apoiavam a quem quer que estivesse em vantagem no momento, para conquistar e consolidar o que considerava como seu por direito: um reino nas terras germânicas do Império, incluindo o máximo que pudesse obter da rica região renana. Finalmente, Carlos

²⁹ AIRLIE, Stuart. "The Aristocracy", in: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). **New Cambridge Medieval History, Volume II c.700 – c. 900**, Cambridge: CUP, 1995, pp. 431-450.

³⁰ MARTINDALE, Jane. "Charles the Bald and the government of the kingdom of Aquitaine", in: GIBSON, M.T. & NELSON, J. L. (ed.). **Charles the Bald – Court and Kingdom**, Aldershot: Ashgate, 1990, pp. 115-138.

³¹ REUTER, Timothy. "Plunder and tribute in the Carolingian empire", in: REUTER, Timothy. **Medieval Politics and Modern Mentalities**, Cambridge: CUP, 2006, pp. 231-250.

³² HALSALL, Guy. **Warfare and Society in the Barbarian West, 450-900**, Londres: Routledge, 2003, p. 92.

contava com o apoio relutante dos aristocratas nêustrios e combatia Pepino II na Aquitânia, sendo, dos três, aquele em situação mais desvantajosa. Seu trunfo estava na dupla conexão com Luís: ser seu meio-irmão e sobrinho, já que Judith e Emma mantiveram-se ativas como importantes personagens políticos³³, intermediando entre as duas cortes, buscando o controle sobre o que lhe havia sido prometido por seu pai: as terras ocidentais da França.

Já ausência de assédios a fortificações pode ser compreendida com uma mudança de paradigma estratégico por parte dos governantes Carolíngios ainda como prefeitos de palácio no início do século VIII: eles abandonaram em suas regiões o conceito vegeciano de defesa em profundidade e assumiram uma postura ofensiva em relação a seus vizinhos³⁴. Suas operações militares basearam-se em novas técnicas de assédio, logística excelente, numa doutrina militar que pregava o emprego de força irresistível e uma grande estratégia que objetivava a reunião do *regnum Francorum*. Estas ações foram tenazmente implementadas por Pepino II, Carlos Martel, Pepino o Breve e extrapoladas para além das fronteiras francas por Carlos Magno. Estas mudanças levaram as atividades militares para as fronteiras do reino, conseqüentemente diminuindo a necessidade por fortificações maciças em seu interior, trazendo também, por tabela, o desencorajamento a rebeliões aristocráticas pela ausência de centros fortificados para sua resistência.

Assim, não interessava a nenhuma das partes em conflito serem apanhadas em uma situação que lhes forçasse defender cidades, por exemplo. Isso fez com que, segundo as fontes, os estragos materiais da *Brüderkrieg* fossem considerados leves (exceto na passagem dos Anais de Saint-Bertin sobre os esforços de Lothar para a captação de aliados e recursos na Nêustria após sua derrota em Fontenoy em 841, quando saqueou e devastou a região de Le Mans, não conseguindo impedir nem mesmo que seus homens saqueassem os tesouros das igrejas e abadias³⁵).

Após reclamar o trono para si, Lothar se preparou para atacar Luís, que já havia ocupado Worms (de onde retirou os suprimentos ali acumulados anteriormente por Luís o Piedoso). Em agosto Lothar realizou uma assembleia em Ingelheim, onde congregou a maioria de seus partidários no leste: os bispos Otgar de Mainz, Drogo de Metz, Hetti de

³³ Advindas da linhagem bávara dos Welf, que se tornou importantíssima para a política imperial nos séculos vindouros e ainda hoje subsiste nos tronos britânico, monegasco e em diversas casas principescas não reinantes na Alemanha.

³⁴ BOWLUS, Charles R. **The Battle of Lechfeld and its Aftermath, August 955**, Aldershot: Ashgate, 2006, p.49.

³⁵ NELSON, Janet L. (trad.). **The Annals of St.-Bertin, Ninth-century histories, volume I**, Manchester: Manchester UP, 1991, pp. 51-52.

Trier, Samuel de Worms, Ratold de Estrasburgo e Badurad de Paderborn, além do abade Rábano de Fulda. Então ele e seu exército retomaram Worms, após uma breve escaramuça.

Lothar e suas forças cruzaram o Reno em Mainz, rumando ao palácio imperial de Frankfurt, quando foram interceptados por Luís e considerável força de bávaros e saxônios. Segundo Nithard, embora Luís estivesse disposto a batalhar, Lothar, após intensas negociações, se retirou em um armistício, o que aumentou a reputação de Luís como líder militar; ele aproveitou esta pausa para fortalecer seus apoios no leste através da tradicional combinação de patronato e intimidação. Os termos da trégua anteriormente acertada estabeleciam que Lothar retornasse para um encontro com Luís no dia 11 de Novembro. Quando aquele falhou em comparecer, Luís retomou suas jornadas pela Saxônia na expectativa de ampliar sua clientela e apoios na região, principalmente o abade Warin de Corvey, tanto pelos vastos recursos controlados por esta grande abadia, quanto pelo poder acumulado por Warin como líder de uma poderosa família franco-saxônia, os Ecbertiner, aparentados da rainha Emma.

Nesse intervalo, Lothar conduziu no oeste uma campanha inconclusiva contra Carlos e, no início de 841, decidiu que era o momento de eliminar a ameaça de Luís. Com o apoio de Otgar de Mainz e do conde Adalbert de Metz, Lothar passou a infiltrar tropas na região de Worms para subverter os partidários de Luís e, se possível, recrutá-los. Esta missão foi bem-sucedida, fazendo com que Luís recuasse para sua leal Bavária³⁶ (Lothar deixou Adalbert como *dux* (comandante militar) da Austrásia, encarregado de conter Luís em seu núcleo territorial.

Neste momento, Luís recebeu uma mensagem urgente de Carlos, pedindo auxílio contra Lothar e, a partir de então, houve a formalização de uma aliança entre ambos. No início de Maio, poucas semanas após seu recuo para a Bavária, Luís e seus partidários rumaram para o ocidente. Contudo, bloqueando sua linha de avanço pela antiga estrada romana que cruzava pela Alamânia, estava o *dux* Adalbert de Metz, no comando de poderosa força pan-austrasiana. Ao invés de enfrentar esta força superior em terreno desfavorável, Luís rumou para norte, cruzou o Danúbio e adentrou à região conhecida como Ries, onde quinze milhões de anos atrás um asteroide caiu³⁷, criando ali uma cratera de quinze milhas de largura, que divide as cadeias montanhosas dos Alpes suábios e do

³⁶ SCHOLZ, Bernhard Walter (trad.). **Carolingian Chronicles: Royal Frankish Annals and Nithard's Histories**, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1970, pp. 148-152.

³⁷ GOLDBERG. *Op. cit.*, pp. 99-100.

Jura francônio. A região apresenta uma densa rede de rios e riachos que fluem pelas montanhas em direção ao Danúbio. Ao atrair as forças de Adalbert a esta região, Luís tencionava dividi-las por meio das numerosas travessias de rios, que tornaria estes subgrupos vulneráveis a ataques-surpresa.



Figura 4: Combate em vau de rio, possivelmente inspirado em Ries: I Macabeus, manuscrito de Leiden. *Codex Perizoni* F 17, fol. 22r

Quando, na sexta-feira 13 de Maio, após parte do exército de Adalbert haver cruzado o rio Wörnitz, Luís acionou sua armadilha, atacando em massa contra as surpreendidas tropas inimigas que, em pânico, recorreram à fuga desordenada. Embora as crônicas não tenham fornecido dados numéricos para as forças envolvidas ou mesmo de baixas, concordam que, além da morte de Adalbert, houve grande número de mortos entre as forças deste último.

Para Luís, a batalha de Ries foi um grande, porém sangrento sucesso: ele conseguiu romper o isolamento na Bavária, destruiu o exército oriental de Lothar e eliminou um dos principais auxiliares deste, além de reabrir as regiões germânicas como seu foco de autoridade e recrutamento. Ademais, suas forças reportadamente saquearam os cadáveres de seus inimigos para obter suas valiosas armas e armaduras; assim, o relativamente pequeno exército de Luís passou a ser incomumente bem equipado, até mesmo seus guerreiros menos afortunados. Também foi uma vitória ideológica, já que Luís pôde reivindicar que ela demonstrava o favor divino à sua causa, ao invés da de Lothar.



Figura 5: Guerreiro montado Carolíngio com o tipo de equipamento pesado oriundo do século IX: *Saltério de Stuttgart*, Württembergische Landesbibliothek Stuttgart, Bibl. fol. 46.

Embora esta vitória tenha sido importante, ela não encerrou a guerra civil. Luís e suas forças ainda precisavam continuar sua marcha a oeste por mais 250 milhas (564km, aproximadamente) até juntarem-se às tropas de Carlos, então baseados em Châlon-sur-Marne, na França central. Nithard afirma que os germânicos venceram esta distância em três semanas, por volta do dia dois de junho, estabelecendo assim a invejável média de 27 km/dia!

Nithard também detalhou as diversas tentativas de negociação propostas pelos irmãos aliados a Lothar, incluindo mesmo o oferecimento de todos os tesouros e bens que

tinham consigo (exceto armas e cavalos), caso Lothar aceitasse uma partilha equitativa do Império. Enquanto aguardava a chegada de seu sobrinho e aliado Pepino II e um forte contingente aquitânio, Lothar adotou táticas dilatórias, ao menos até o dia 24 de junho, quando rompeu com as negociações, reafirmando seus direitos sobre a totalidade do Império.

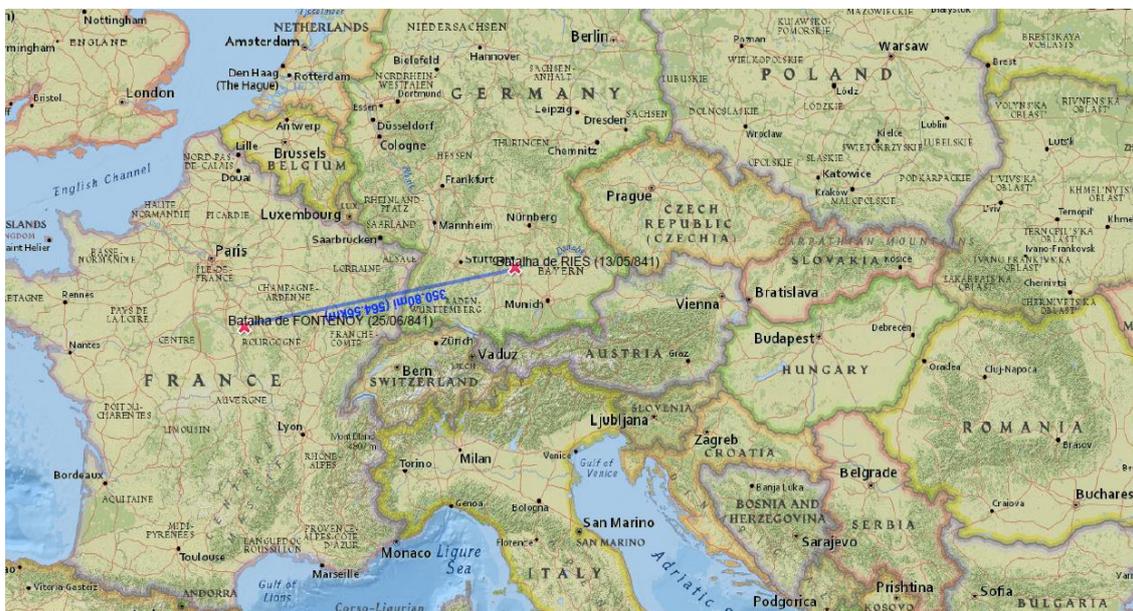


Figura 6: Em destaque no mapa: a distância de 564km entre Ries e Fontenoy (mapa feito com auxílio da ferramenta “Mapmaker Interactive”, da National Geographic).

Com isso, Luís e Carlos enviaram-lhe um ultimato: ou, na manhã seguinte, Lothar atendia às suas reivindicações, ou travariam batalha. Lothar, confiante em suas forças ampliadas, optou pelo combate.

4.1 A Batalha de Fontenoy (25/06/841):

Esta batalha foi registrada por diversas crônicas e também por dois testemunhos oculares: Nithard, que lutou por Carlos e Angelbert, que o fez por Lothar.

Segue o testemunho de Nithard³⁸:

Após o rompimento das negociações, Luís e Carlos, levantando com a alvorada, ocuparam o alto de uma elevação próxima ao acampamento de Lothar, com cerca de um terço de seus exércitos, dispendo o restante na base da mesma e aguardaram a chegada das forças de Lothar ao soar da segunda hora, como havia sido jurado.

Quando todos estavam dispostos, travaram violenta batalha no riacho dos Burgúndios. Luís e Lothar estavam engajados em renhido combate

³⁸ SCHOLZ, *op. cit.*, p. 154.

no local chamado *Brittas*³⁹; onde Lothar foi vencido e fugiu. As tropas (de Pepino II) que Carlos confrontou no local chamado *Fagit*⁴⁰, imediatamente fugiram. Mas a parte de nosso exército que atacou Adalhard e outros em *Solemnat*⁴¹, para a qual dei vigorosa assistência com a ajuda de Deus, combateu amargamente. Ali a peleja resultou em um empate, mas ao fim, os partidários de Lothar fugiram”.

Por outro lado, o testemunho de Angelbert, registrado em sua canção *Versus de bella quae fuit acta Fontaneto*⁴²:

A aurora que dispersou a horrenda noite com o raiar do dia, não trouxe o Sabbath do descanso, mas um sábado de infortúnio!
O demônio da deslealdade se regozijou ao ver a quebra da Paz entre irmãos.
Clamores guerreiros ressoavam por todas as partes: violento combate rompeu.
Irmão tramou a morte de irmão, tio a de sobrinho e o filho não demonstrou misericórdia ao pai.
Nunca houve maior massacre, nem mesmo no campo de batalha. Sobre as leis da Cristandade, o sangue choveu. Sob as mãos do Inferno, a gula de Cérbero foi saciada.
A mão direita de Deus Todo-poderoso protegeu Lothar; ele venceu a luta por meio de sua coragem em combate.
Se outros tivessem lutado como ele, a Paz teria sido restaurada!
Assim como nos dias de outrora o Salvador foi traído por Judas, ó rei foste traído em combate por seus generais: “acautela-te, ó Cordeiro, com a aproximação do Lobo traiçoeiro!”
Chamam por Fontenoy, tanto a fonte quanto a vila, no campo onde o massacre e a devastação do sangue dos Francos teve lugar.
Os campos, as árvores e mesmo os pântanos ficaram horrorizados.
Esta calamidade ocorrida e recordada por meu poema, eu, Angelbert, testemunhei com meus próprios olhos.
E, lutando ao lado de meus companheiros, fui o único sobrevivente dentre tantos na vanguarda.
Retornei para ver o profundo vale onde o bravo rei Lothar perseguiu seus inimigos em fuga até às margens da torrente.
No lado de Carlos, assim como no de Luís, as capas de linho dos mortos listram a planície de branco, como no outono, quando se embranquece com os pássaros.
Esta batalha não é merecedora de louvores; não lhe entoemos melodias: ao Oriente, ao Sul, ao Ocidente ou ao Norte, lamentemos a morte daqueles que tombaram em dia tão aziago!

Embora Luís e Carlos tenham emergido como vitoriosos, ao que tudo indica, o custo em baixas militares foi, para o período, horrível, segundo os relatos disponíveis. É

³⁹ Provavelmente Bois-des-Briottes.

⁴⁰ Local não identificado. Possivelmente em um ponto intermediário entre as outras duas localizações.

⁴¹ Provavelmente Soleme.

⁴² MGH *Poetae Latini* 2, pp.138-9 e ANGELBERT, *Versus de Bella quae fuit acta Fontaneto*, in: <http://www.thelatinlibrary.com/Angelbert.html>, acessada a 02/11/14.

diffícil estimar tanto o número de participantes quanto de baixas, mas, ao que tudo indica, estas foram expressivas, ao ponto, como nos recorda John Gillingham, “esta batalha foi vista no período imediatamente subsequente, como um ponto de inflexão na História dos Francos”⁴³.

Como relatado pelos *Anais de Fulda*, com desânimo: “Houve tal mortandade em ambos os lados que, na era presente, ninguém se recordava de tal carnificina entre o povo dos Francos”⁴⁴. Regino de Prüm registrou em seu *Chronicon* que, “nesta batalha a força dos Francos foi tão diminuída e seu renomado valor tão enfraquecido que depois eles nem puderam expandir suas fronteiras, nem mesmo defendê-las”⁴⁵.

Agnellus de Ravena declarou no *Liber Pontificalis*, que haviam perecido no exército coligado de Lothar e Pepino II, nada menos que 40 mil homens, um número evidentemente exagerado, mas que, ainda assim, nos transmite a ideia da magnitude das baixas. Finalmente, André de Bérgamo em sua *História*, reporta que “muitos milhares” morreram em Fontenoy, com baixas consideravelmente pesadas entre as tropas aquitânicas de Pepino II⁴⁶. Segundo o mesmo, estas baixas esvaziaram a nobreza Aquitânia de tal modo que, ainda em seus dias (circa 860), o ducado ainda estava vulnerável aos ataques nórdicos, declaração que se encaixa no padrão fornecido por Regino de Prüm.

As dimensões do desastre só cresceram com o tempo. Wace, em seu *Roman de Rou*, refletiu a opinião comum nos séculos XI e XII sobre Fontenoy: “nesta batalha pereceu a Flor de França” e que a perda de mais de cem mil combatentes abriu caminho para que os pagãos conquistassem a terra.

Um ponto importante a ser considerado, é a questão de quando ocorriam as maiores baixas nas batalhas tardo antigas e alto medievais: durante as retiradas descontroladas de exércitos derrotados. Fontenoy não fugiu à regra. Por mais encarniçada que tenha sido o combate, a retirada das forças combinadas de Lothar e Pepino II foi simplesmente catastrófica, ensejando a principal oportunidade para a matança indiscriminada na perseguição dos derrotados em fuga, como nos esclarece sem margem

⁴³ GILLINGHAM, John. “Fontenoy and after: pursuing enemies to death”, in: FOURACRE, Paul and GANZ, David. **Frankland: The Franks and the world of the Early Middle Ages**, Manchester: Manchester UP, 2008, 244.

⁴⁴ REUTER, Timothy (trad.). **The Annals of Fulda, Ninth-century histories, volume II**, Manchester: Manchester UP, 1993, p.32.

⁴⁵ MACLEAN, Simon (trad.). **History and Politics in Late Carolingian and Ottonian Europe – The Chronicle of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg**, Manchester: Manchester UP, 2009, p.75.

⁴⁶ **Historia**, 7, MGH SRL, 226.

de dúvidas o analista de St.Bertin: “então houve um massacre geral daqueles que estavam fugindo”⁴⁷.

Gillingham ressalta um ponto curioso acerca dos relatos sobre Fontenoy: só existe menção a uma única pessoa tomada como prisioneira na ocasião, o bispo Jorge de Ravenna, enviado papal que havia tentado reconciliar os irmãos⁴⁸, fato que reforça a escala do morticínio.

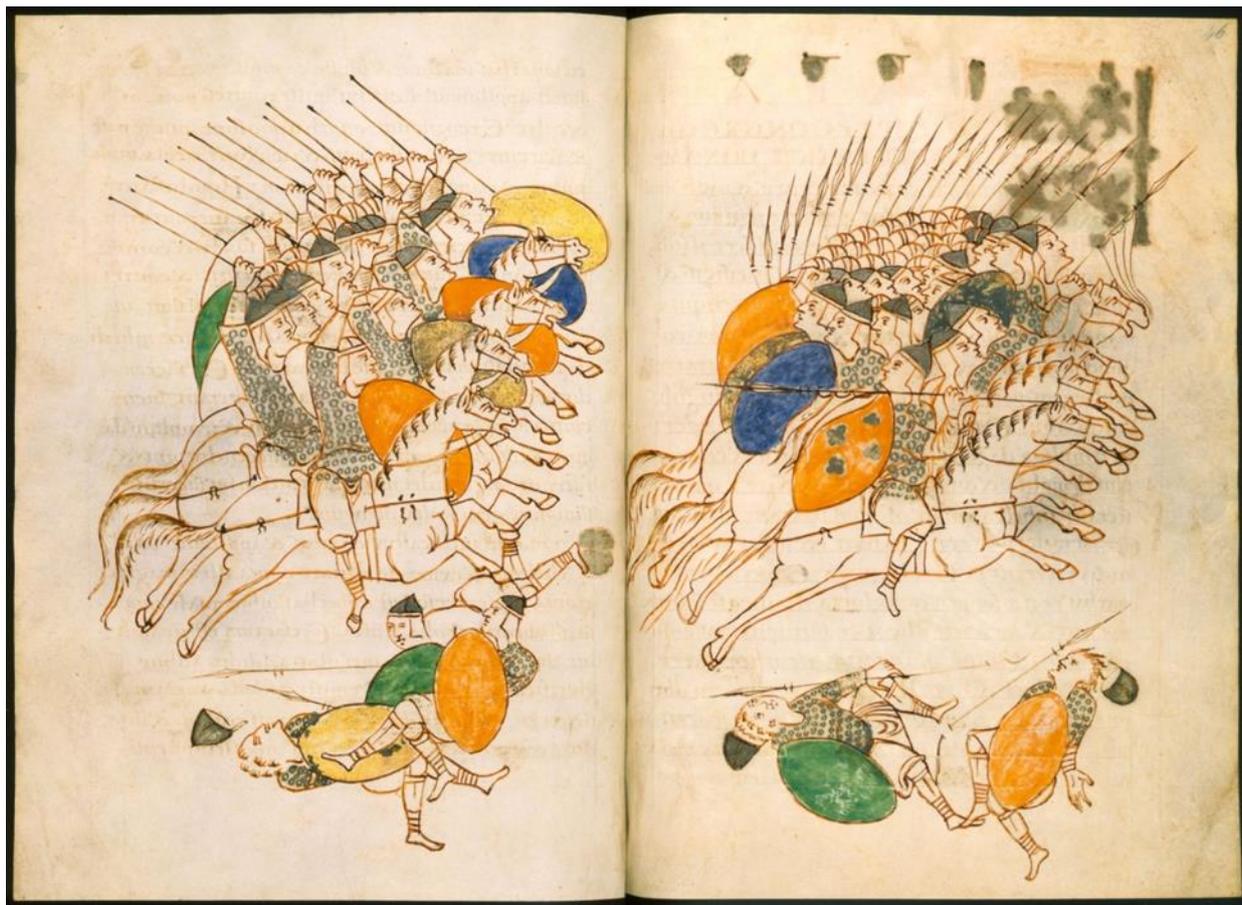


Figura 7: Perseguição ao inimigo, possivelmente inspirada em Fontenoy, provavelmente inspirada pelas descrições táticas do livro IV da *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio, também contida no mesmo manuscrito: I Macabeus, manuscrito de Leiden. Codex Perizioni F 17, fol. 45v. e 46r.

Já Nithard, que havia evitado por completo qualquer menção sobre a perseguição subsequente à batalha em sua descrição que encerra o livro segundo de sua obra, se viu posteriormente forçado a elaborar um terceiro livro, o qual iniciou justamente com as consequências imediatas ao combate:

⁴⁷ NELSON, 1991, *Op. cit.*, p.50.

⁴⁸ GILLINGHAM. *Op. cit.*, p.250.

A renhida luta terminara; Luís e Carlos, ainda no campo de batalha, começaram a deliberar acerca do que deveriam fazer com aqueles inimigos em fuga. Algumas vozes, motivadas pela ira, pressionaram pela perseguição; outros, especialmente os reis, apiedaram-se de seu irmão e do povo deste e, desejando com sua costumeira caridade, que os derrotados, que já haviam sido esmagados pelo Julgamento Divino por meio do golpe que haviam sofrido, deveriam penitenciar-se de sua malícia e cobiça e, de agora em diante, com a ajuda de Deus, se tornariam unos com eles em busca por justiça; eles (os reis) instaram a seus seguidores a tudo colocarem nas mãos de Deus. O restante do exército deu seu consentimento e parou com as lutas e a pilhagem... O butim e o massacre foram ambos imensos e incríveis, assim como a piedade demonstrada pelos reis e por todas as pessoas⁴⁹.

Janet Nelson⁵⁰ aponta outro dado interessante: nenhuma das fontes favoráveis a Lothar condenou a conduta de Luís e Carlos em Fontenoy, como demonstrado por Angelbert, que condenou apenas traidores em seu próprio campo. Embora condenável em sua escala, o desenrolar dos acontecimentos em Fontenoy não desviou do comportamento considerado adequado para o andamento de um combate qualquer no período. Embora tenha sido travada entre cristãos, parentes e amigos, ela foi combatida com a mesma ferocidade demonstrada pelos Francos nas batalhas contra os Ávaros e os Saxônios pagãos, por exemplo.

Mas, a despeito das pesadas baixas, no fim das contas a batalha não foi decisiva: nenhum membro da linhagem Carolíngia morreu e a maioria dos magnatas territoriais sobreviveu. A guerra civil ainda se arrastaria.

Novamente, a vitória foi ideologicamente importante para Luís e Carlos, já que a retirada de Lothar foi interpretada por muitos como covarde, danificando sua reputação como imperador, assim como um endosso divino à justiça da causa dos dois irmãos. Ainda mais importante foi o fato de que Luís e Carlos obtiveram enorme quantidade de butim em Fontenoy. Com esta riqueza móvel, ambos poderiam recompensar generosamente seus seguidores, além de aumentar sua capacidade de aliciar novos aliados dentre seus inimigos.

Luís retornou ao leste para consolidar seus ganhos na Germânia (ao mesmo tempo em que debelava a rebelião camponesa pagã saxônia dos *Stellinga*), enquanto Carlos

⁴⁹ SCHOLZ, *op. cit.*, p.155.

⁵⁰ NELSON, Janet L. **Charles the Bald**, Londres: Routledge, 1992, p.148.

continha os excessos dos novos recrutas de Lothar na Nêustria. As escaramuças entre as forças inimigas prosseguiram durante o início de 842, assim como as negociações.

A 14 de Fevereiro ocorreu o encontro entre Luís e Carlos em Estrasburgo, que se tornou notável por dois motivos: em primeiro lugar, o famoso juramento realizado por Luís em *lingua Romana* (perante as tropas de Carlos) e por Carlos em *lingua Theudisca* (perante as tropas de Luís), para que as tropas de ambos compreendessem os termos e o teor dessa aliança, como Nithard registrou a versão dita por Luís⁵¹:

Pelo amor de Deus, pela salvação de nosso povo cristão e por nossa própria, deste dia em diante, até onde Deus nos conceder sabedoria e poder, eu tratarei meu irmão com toda consideração e auxílio e tudo mais que um homem deve legitimamente a seu irmão, com a condição de que ele faça o mesmo por mim. E eu não farei qualquer acordo com Lothar que possa, com meu consentimento, prejudicar este meu irmão Carlos.

Quando Luís concluiu, Carlos pronunciou o mesmo juramento em germânico. A seguir, os guerreiros de ambos juraram o seguinte em suas respectivas línguas⁵²:

Se Luís mantiver o juramento feito a seu irmão Carlos e meu senhor Carlos não mantiver sua parte e se eu for incapaz de impedi-lo, eu não darei a ele nenhuma ajuda contra Luís e nem ninguém que eu possa impedir de fazê-lo.

Em segundo lugar, este encontro também ficou famoso pelos jogos de guerra conjuntos promovidos pelos líderes⁵³ (sendo esta a primeira menção a um tipo de torneio⁵⁴), para ampliar a confiança mútua entre os combatentes, originários de regiões díspares e distantes e falando línguas que não mais convergiam (como ficou claro na questão do Juramento).

Uma fonte posterior, os *Anais de Xanten*⁵⁵, registra que as tropas de Luís e Carlos causaram considerável destruição material em sua passagem pela Renânia, ao

⁵¹ SCHOLZ, *op. cit.*, p.162.

⁵² SCHOLZ, *op. cit.*, p.163.

⁵³ SCHOLZ, *op. cit.*, p.164.

⁵⁴ VERBRUGGEN, J.F. **The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages from the Eighth Century to 1340**, Woodbridge: Boydell, 1998, p.31.

⁵⁵ ANNALES XANTENSES, SIMSON, Bernhard de (ed.). *Monumenta Germaniae historica, Scriptorum rerum Germanicarum*, Hannover, 1909, registro do ano 842:

Lothar, tendo devastado a Gália, retornou ao leste. [Luís e Carlos marcharam contra Lothar, que fugiu para refugiar-se em uma cidade vizinha.] Estes reis [Luís e Carlos] devastaram toda a região dos Ripuários (Francônia) e perseguiram Lothar até aquele lugar. E ali, por meio da intercessão de homens poderosos, novamente eles dividiram em três partes o reino dos Francos em paz, mas não com efeitos duradouros:

“requisitarem” suprimentos nos campos circundantes, continuando a pressão sobre Lothar e seus aliados cada vez menos numerosos, sendo que os encontros entre as tropas diminuíram e se tornaram escaramuças sem maiores consequências, tendendo cada vez mais à substituição por uma solução negociada. Nenhum dos lados podia se arriscar a um novo grande embate.

Estas negociações foram conduzidas entre os irmãos por membros da aristocracia, interessados na restauração da paz (e da exploração de suas terras) e conseguiram estabelecer uma trégua até o início de outubro de 842, quando ocorreu uma reunião entre os três irmãos em Metz, onde iniciaram as tratativas que culminariam com a divisão do Império, em agosto de 843, com o Tratado de Verdun.

Quanto a esta “divisão”, deve-se ter em mente que só em retrospecto é que ela foi vista efetivamente como tal. No contexto do século IX ela era mais considerada como a “Trégua de Verdun”, a ser rompida assim que a oportunidade se apresentasse. Nenhuma das partes tinha a intenção de que a divisão ali concertada permanecesse e fraturasse a unidade imperial.

Como bem frisa Mayke De Jong, de acordo com os usos do século IX, o *imperium* não se referia tanto a uma unidade territorial claramente definida, mas sim ao exercício da autoridade pelo(s) membro(s) sênior(es) da dinastia Carolíngia que portasse(m) o título de *augustus imperator*. Foi a unanimidade entre Luís o Pio e seus filhos, incluindo o co-imperador Lothar, que estava em jogo entre 830 e 843 e não a “unidade do império”: “*Imperium* era um conceito-chave, não como uma noção territorial, mas como a autoridade conjunta daqueles que participavam do governo imperial”.

O tratado foi elaborado com base na divisão igualitária dos recursos imperiais, balanceada pelas considerações das famílias da *Reichsaristokratie*. À luz de sua eliminação como herdeiro em 838, Luís o Germânico foi o grande vencedor da *Brüderkrieg* e do Tratado de Verdun, já que recebeu todos os territórios a leste do Reno.

Considerações Finais

Como bem lembrado por Guy Halsall⁵⁶ (2006:08), a guerra é “uma forma de comunicação”, especialmente para o jogo das intenções políticas e a *Brüderkrieg* foi

Lothar no leste, Carlos na Gália e Luís na Saxônia, que estão nobremente esmagou os arrogantemente rebeldes escravos dos Saxônios e restaurou-os à sua natureza apropriada.

⁵⁶ HALSALL, Guy. **Warfare and Society in the Barbarian West, 450-900**, Londres: Routledge, 2003, p.08.

efetivamente utilizada por Luís e Carlos para materializar suas reivindicações e garantir sua sobrevivência (tanto física quanto política) no contexto do projeto centralizador de Lothar.

Todavia, para os contemporâneos, em um uma guerra inteiramente contrária à vontade de Deus, o conflito aberto e a perda de vidas na batalha de Fontenoy particularmente causaram enorme angústia em uma sociedade cujos laços políticos haviam sido construídos ao redor dos ideais de consenso entre os Francos, unidade Cristã e harmonia fraternal entre os Carolíngios. Mas devemos reiterar: nenhuma das partes envolvidas desejava, de fato, que a consequência última da *Brüderkrieg* fosse o esfacelamento efetivo da autoridade do Império criado pelos esforços de Carlos Magno.

O foco dado aos acontecimentos do período por muitos historiadores atuais se encontra naqueles que possuíam valor marginal durante o mesmo, como os aspectos linguísticos dos juramentos de Estrasburgo e o próprio Tratado de Verdun, visto como “certidão de nascimento”⁵⁷ das nações modernas de França, Alemanha e Itália. Assim, pouco se trabalha, por exemplo, com a movimentação militar, importantíssima para os interesses em jogo: dos príncipes régios, dos membros da aristocracia imperial trans-regional e dos membros das aristocracias locais.

Também pouco se trabalha com as concepções estratégicas empregadas no conflito, como a ausência proposital de cercos a cidades e fortificações, ou a extrema mobilidade demonstrada, especialmente, pelas tropas de Luís o Germânico, já que esta campanha destoava do que se considera comum nas guerras medievais. Outro ponto que deveria ser levado em consideração está na análise do manuscrito do *Livro dos Macabeus de Leiden*, que também contém o quarto livro do *De re Militari* de Vegetio (justamente o texto-chave para a constituição do assim chamado Paradigma Estratégico Vegetiano, hoje considerado como uma pedra de toque para a compreensão do pensamento estratégico medieval⁵⁸) e as conexões entre um e outro no programa iconográfico do manuscrito, e seu valor pedagógico para as questões bélicas na época.

Em relação à dissolução de fato do Império, ela ocorreu progressivamente entre 840 e 888, com a paulatina extinção da aristocracia imperial nos reinos pós-Verdun, que fragmentou as linhagens regionalmente e isolou os Carolíngios como únicos interessados

⁵⁷ Embora não com estas palavras, mas com este sentido, podemos citar LEGOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**, Petrópolis: Vozes, 2007, pp.62-63.

⁵⁸ ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. “Frederico I Barbarossa contra Milão (1158-1162): uma campanha vegeciana?”, **Politéia: História e Sociedade**, volume 13, n. 2, 2013, pp. 155-191.

na efetiva preservação da unidade imperial. A guerra civil expôs a fratura entre as poderosas linhagens trans-regionais (que apoiaram Lothar) e as linhagens regionais (que apoiaram Luís e Carlos) e precipitou o processo de declínio desse poderoso elemento de coesão do Império e não o Tratado de Verdun propriamente dito⁵⁹.

A *Brüderkrieg* propiciou a instauração de verdadeiros expurgos políticos dos elementos da *Reichsaristokratie* que não apoiaram o “candidato correto”, consolidando assim a vitória das aristocracias locais e sua ascensão, incluindo a efetiva fragmentação da autoridade imperial após a deposição de Carlos o Gordo (888), com o estabelecimento de Ramnulf como rei na Aquitânia, Berengário na Itália, dos Welfs do ramo Rudolfino na Borgonha e de Luís na Provença, mantendo os Carolíngios apenas a Nêustria (a coroa de França) e a Germânia (ainda assim via Arnulfo de Caríntia, um bastardo).

No entanto, simultaneamente a este processo, é interessante notarmos que os tratados ideológicos que mais refinaram as concepções de Império durante o período carolíngio tenham justamente surgido após Fontenoy e Verdun, rumando para o que bem aponta Mayke De Jong: “o Império, tanto no sentido do título quanto da entidade política, foi considerado como merecedor de se combater por, até o fim da dinastia Carolíngia”⁶⁰ e além, como se pode depreender dos esforços de restauração imperial empreendidos pelos Otônidas saxônios, Sális francônios e Hohenstaufen suábios nos séculos X, XI, XII e XIII.

⁵⁹ COSTAMBEYS, Marios, INNES, Matthew & MACLEAN, Simon. **The Carolingian World**, Cambridge: Cambridge UP, 2011, pp.131-135.

⁶⁰ DE JONG. Mayke. “The Empire that was always Decaying: The Carolingians (800-888)”, **Medieval Worlds: Comparative & Interdisciplinary Studies**, Volume 2015.2, pp. 08.

Referências Bibliográficas:

a) Documentos

ANNALES XANTENSES, SIMSON, Bernhard de (ed.). *Monumenta Germaniae historica, Scriptores rerum Germanicarum*, Hannover, 1909.

ANGELBERT, **Versus de Bella quae fuit acta Fontaneto**, in: <http://www.thelatinlibrary.com/Angelbert.html>, acessada a 02/11/14.

DAVIS, Raymond (trad.). **The Lives of the Ninth-Century Popes (Liber Pontificalis)**, Liverpool: Liverpool UP, 1995.

MACLEAN, Simon (trad.). **History and Politics in Late Carolingian and Ottonian Europe – The Chronicle of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg**, Manchester: Manchester UP, 2009.

NELSON, Janet L. (trad.). **The Annals of St.-Bertin, Ninth-century histories, volume I**, Manchester: Manchester UP, 1991.

RÁBANO MAURO. *Commentaria in Libris Maccabeorum* In: MIGNE, J.P. **Patrologia Latina**, 109, col. 1122-1256.

REUTER, Timothy (trad.). **The Annals of Fulda, Ninth-century histories, volume II**, Manchester: Manchester UP, 1993.

SCHOLZ, Bernhard Walter (trad.). **Carolingian Chronicles: Royal Frankish Annals and Nithard's Histories**, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1970.

SQUATRITI, Paolo (trad.). **The Complete Works of Liudprand of Cremona**, Washington DC: Catholic University of America Press, 2007, pp. 111.

b) Bibliografia Secundária:

AIRLIE, Stuart. “The Aristocracy”, in: MCKITTERICK, Rosamond (ed.). **New Cambridge Medieval History, Volume II c.700 – c. 900**, Cambridge: CUP, 1995, pp. 431-450.

ARAÚJO, Vinicius Cesar Dreger de. “Frederico I Barbarossa contra Milão (1158-1162): uma campanha vegeciana?”, **Politéia: História e Sociedade**, volume 13, n. 2, 2013, pp. 155-191.

BACHRACH, David S. **Warfare in Tenth-Century Germany**, Woodbridge: Boydell, 2012.

BOOKER, Courtney M. **Past Convictions – The Penance of Louis the Pious and the Decline of the Carolingians**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009.

BOWLUS, Charles R. **The Battle of Lechfeld and its Aftermath, August 955**, Aldershot: Ashgate, 2006.

COSTAMBEYS, Marios, INNES, Matthew & MACLEAN, Simon. **The Carolingian World**, Cambridge: Cambridge UP, 2011.

COUPLAND, Simon. “Carolingian Arms and Armor in the Ninth Century”, **Viator: Medieval and Renaissance Studies**, v.21, 1990, pp. 29-50.

DE JONG, Mayke. “The Empire that was always Decaying: The Carolingians (800-888)”, **Medieval Worlds: Comparative & Interdisciplinary Studies**, Volume 2015.2, pp. 06-25.

DIEBOLD, William J. “Verbal, visual and cultural literacy in medieval art: word and image in the Psalter of Charles the Bald”, **Word & Image**, volume 8, n. 02, Abril-Junho, 1992, pp. 89-99.

DUCKETT, Eleanor Shipley. **Carolingian Portraits: A study in the ninth century**, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1988.

DUNPHY, Graeme (org.). **The Encyclopedia of the Medieval Chronicle**, volumes 1 e 2, Leiden: Brill, 2010.

EUW, Anton von. **Die St. Galler Buchkunst vom 8. bis zum Ende des 11. Jahrhunderts**, Volume I: Textband, St. Gallen, 2008

GILLINGHAM, John. “Fontenoy and after: pursuing enemies to death”, in: FOURACRE, Paul and GANZ, David. **Frankland: The Franks and the world of the Early Middle Ages**, Manchester: Manchester UP, 2008, pp. 242-265.

GOLDBERG, Eric J. “‘More Devoted to the Equipment of Battle than the Splendor of Banquets’: Frontier Kingship, Martial Ritual, and Early Knighthood at the Court of Louis the German.” **Viator**, 30, 1999, pp. 41-78.

GOLDBERG, Eric J. **Struggle for Empire: Kingship and Conflict under Louis the German, 817-876**, Ithaca: Cornell UP, 2006.

HALSALL, Guy. **Warfare and Society in the Barbarian West, 450-900**, Londres: Routledge, 2003.

HOFFMANN, Hartmut. **Buchkunst und Königtum im Ottonischen-frühsalsichen Reich**, Stuttgart, 1986, p. 97.

HOLCOMB, Melanie. **Pen and Parchment – Drawing in the Middle Ages**, New York/New Haven: Metropolitan Museum of Art/Yale University Press, 2009, pp. 46-48.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**, Petrópolis: Vozes, 2007.

MARTINDALE, Jane. “Charles the Bald and the government of the kingdom of Aquitaine”, in: GIBSON, M.T. & NELSON, J. L. (ed.). **Charles the Bald – Court and Kingdom**, Aldershot: Ashgate, 1990, pp. 115-138.

MERTON, Adolf. **Die Buchmalerei des IX. Jahrhunderts in St. Gallen unter besonderer Berücksichtigung der Initial-Ornamentik**, Halle, 1911.

NELSON, Janet L. “Ninth-century Knighthood: The Evidence of Nithard”, in: NELSON. **The Frankish World 750-900**, Londres: Hambledon Press, 2003, pp.75-87.

NELSON, Janet L. **Charles the Bald**, Londres: Routledge, 1992.

RABB, Theodore K. **The Artist and the Warrior: Military history through the eyes of the masters**, New Haven: Yale University Press, 2011, pp. 37-41.

REUTER, Timothy. “Plunder and tribute in the Carolingian empire”, in: REUTER, Timothy. **Medieval Politics and Modern Mentalities**, Cambridge: CUP, 2006, pp. 231-250.

REUTER, Timothy. **Germany in the Early Middle Ages 800-1056**, Londres: Longman, 1991.

RICHÉ, Pierre. **The Carolingians: A family who forged Europe**, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1993.

VERBRUGGEN, J.F. **The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages from the Eighth Century to 1340**, Woodbridge: Boydell, 1998.

WITTEKIND, Susanne. “Die Makkabäer als Vorbild des geistlichen Kampfes: Eine kunsthistorische Deutung des Leidener Makkabäer-Codex Perizoni 17”, **Frühmittelalterliche Studien**, vol. 37, (2003), p. 47-71.